



2018/11/02

O fim do Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermédio (*INF Treaty*)

Alexandre Reis Rodrigues

Torna-se difícil compreender porque Trump tem intenção de renunciar aos compromissos assumidos em 1987, quando Reagan assinou, juntamente com Gorbachev o Tratado INF, um acordo histórico que permitiu às duas partes destruírem 2692 mísseis e que, subsequentemente, levou ao 1º Tratado START, de 1991, que reduziu a metade os arsenais nucleares, russo e americano. As razões apresentadas – as violações do Tratado que Moscovo comete há já alguns anos – só por si, não chegam para explicar medida tão radical.



A administração americana tem ao seu alcance uma variedade de opções que permitiriam, talvez melhor, pressionar Moscovo a aderir às normas acordadas, aproveitando os desenvolvimentos tecnológicos para investir em sistemas¹ que anulassem as vantagens que Moscovo conseguiu ao deixar de respeitar o acordo. Com o benefício de não causar tanta agitação internacional.

A anunciada saída do Tratado não será, seguramente, uma medida isolada ou, como alguns dizem, apenas a continuação do caminho de abandono de tudo o que são acordos internacionais (comerciais, climático, etc.). Tem que estar – melhor dizendo, espera-se que esteja – assente numa estratégia que, no entanto, não foi revelada. Suspeita-se que esteja mais ligada à deterioração do equilíbrio de forças na região Ásia/Pacífico, onde a China está livre de qualquer limitação de armamento. Uma região, onde os EUA precisam de acrescentar ao seu dispositivo aeronaval um sistema de mísseis balísticos de médio alcance a partir de terra para proteger aliados de uma eventual agressão da China.

Esta situação, no entanto, também não explica tudo. A estabilidade na Ásia/Pacífico, apesar de preocupante, não está num patamar que exija medidas imediatas. Muito menos medidas que criem novos riscos à Europa. Livre do Tratado, Moscovo poderá iniciar um processo de instalação do novo míssil de cruzeiro “SSC 8” bem como mísseis balísticos intercontinentais adaptados para alcances intermédios, o que faria regressar à perceção existente na década de 80 de que a Europa não estava devidamente protegida. Com a diferença de que o atual clima de relacionamento transatlântico não dá hoje a mesma garantia de empenho americano na defesa da Europa. Deixa passar a ideia de que os EUA, para reduzir os riscos a que estão

¹ Por exemplo, aviação com melhor capacidade de penetrar as defesas antiaéreas russas e as suas capacidades anti acesso/negação de área, melhor proteção antimíssil, etc.

sujeitos os seus aliados na Ásia, não vêm problema em aumentar a parada de riscos para os europeus.²

«The decision will widen the rift between Europe and America. European governments will look even more intensely at how they can provide for their own security. (Adam Thomson – Director of the European Leadership Network)

Há vários aspetos ainda mais estranhos. O que levará a administração americana a abandonar um Tratado que favoreceu quase apenas os EUA? E que, curiosamente, o comando militar russo tenta desvalorizar há mais de uma década? Para os EUA representou a oportunidade de proibir a Rússia de desenvolver sistemas de mísseis baseados em terra – campo em que os russos tinham vantagens – sem pôr quaisquer limites aos EUA nos sistemas de lançamento a partir do mar e do ar.

«The INF Treaty may be the most one-sided good arms-control agreement any U.S. President has ever signed» (Stephen Sestanovitch, from Colombia University)

«U.S. withdrawal from the INF Treaty ... a loser all around». (Stephen Pifer, from the Brookings Institute) (The U.S. will be blamed by Europeans for collapsing the Treaty, Russia will be free to threaten Europe with more nuclear weapons, and the U.S. will have no counter)

Para o Estado Maior russo o abandono é matéria de celebração porque, na sua avaliação, o Tratado limita-lhes a capacidade de organizarem uma defesa eficaz contra a ameaças nucleares instaladas em países vizinhos. Tiveram que o aceitar, sob a presidência de Gorbachev, porque este tinha já concluído não ser possível continuar a suportar os encargos financeiros de uma corrida aos armamentos com os EUA.

Malgrado estes tipos de tratados tenham funcionado como um pilar importante do relacionamento russo-americano, a verdade é que nenhuma das partes se mostra empenhada em salvar o INF. Moscovo limita-se a prevenir que o abandono vai dar origem a uma corrida aos armamentos, mas esse desfecho será sobretudo prejudicial para a Rússia que continua sem economia para enveredar por esse caminho. Trump reage a uma corrida aos armamentos da seguinte forma: *«We have all the money. We'll just keep building weapons until they stop what they are doing».*

Esta situação não é inesperada. Nem é, obviamente, uma decisão de impulso. De alguma forma estava anunciada. Começou a ser desenhada na administração Obama e recebeu novo impulso aquando da revisão da *Nuclear Posture Review*, já este ano, quando previu que, em face do não cumprimento do Tratado por parte da Rússia, os EUA elaborariam conceitos e opções para novos mísseis de alcance intermédio, tendo o Congresso atribuído verbas para trabalhos de investigação e desenvolvimento. Sob esta perspetiva, não será, como alguns dizem, uma decisão que se fica a dever à influência de John Bolton, o conselheiro nacional de segurança, que defende uma supremacia total dos EUA, tanto no campo convencional como no nuclear.

O que esperar, então, desta nova situação? Segundo alguns peritos, talvez possa representar mais um passo no fim da estrutura em que se têm baseado os tradicionais acordos de não proliferação. As condições são, de facto, diferentes das que existiam quando essas iniciativas se iniciaram. No atual ambiente de relações é mais difícil confiar que as partes respeitarão os compromissos e ter esperanças que não se retirarão com uma simples decisão administrativa. Por outro lado, deixou de fazer sentido manter acordos baseados apenas em aspetos quantitativos. Os aspetos qualitativos serão cada vez mais decisivos, com os avanços tecnológicos à disposição das partes.

² Ao contrário da ideia prevalecente na Europa, o Reino Unido, pela voz do seu ministro da Defesa, declarou, recentemente, que apoiava a intenção americana.

Resta a esperança de que, neste mais complexo e imprevisível mundo, se encontre o discernimento para encontrar um novo modelo de redução dos riscos de proliferação nuclear e de sistemas de mísseis balísticos. Talvez um sistema – como alguns propõem – mais baseado em aspetos qualitativos, multilateral e, eventualmente, baseado em tetos em vez de proibições.